

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ALEXANDRE MAGNO E O EXÉRCITO MACEDÔNICO: OS MOTIVOS PARA A  
INDISCIPLINA DO EXÉRCITO NO ANO DE 324 A.C, APÓS O ANÚNCIO DA  
DISPENSA DOS INCAPACITADOS.

DANILO CORREA BERNARDINO

BRASÍLIA

2015

DANILO CORREA BERNARDINO

ALEXANDRE MAGNO E O EXÉRCITO MACEDÔNICO: OS MOTIVOS PARA A  
INDISCIPLINA DO EXÉRCITO NO ANO DE 324 A.C, APÓS O ANÚNCIO DA  
DISPENSA DOS INCAPACITADOS.

Monografia apresentada ao departamento de História do  
Instituto de Ciências Humanas da Universidade de  
Brasília para a obtenção do grau de licenciado em  
História. Defesa oral: 7/12/2015

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna (Orientador – HIS-UnB)

---

Prof. Dr. Gabriele Cornelli (FIL-UnB)

---

Prof. Dr. Thiago Tremonte de Lemos (HIS-UnB)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço minha família, especialmente minha mãe, Silvana Maria Guimarães Correa, e meu pai, Sérgio Bernardino Filho, por terem sempre me dado todo o suporte e apoio incondicional para que eu tivesse tranquilidade para seguir os meus estudos.

Agradeço ao Prof. Dr. Henrique Modanez Sant'Anna por ter me orientado não apenas no trabalho final de curso, mas também em artigos e iniciações científicas. Sua orientação e amizade foram e continuarão sendo muito valiosas para mim.

Também preciso expressar os meus agradecimentos à Universidade de Brasília e ao CNPq, na medida em que me proporcionaram condições de desenvolver meus estudos, com duas iniciações científicas, uma das quais como bolsista.

Enfim, agradeço a todos os amigos e colegas que estiveram comigo antes e durante o meu ingresso na Universidade de Brasília. Em especial, gostaria de agradecer minha maior companheira durante todo esse processo, Fernanda Freire. Que esse seja apenas o começo.

## RESUMO

Alexandre Magno, durante a expedição que lhe conferiu o controle sobre o poderoso e vasto Império persa, tomou uma série de atitudes que ao longo de sua trajetória aumentaram a tensão na sua relação com o exército macedônico. Em primeiro lugar, temos a questão do seu processo de deificação iniciado no Egito, quando o influente oráculo de Amon o teria cumprimentado como filho do próprio deus. Em segundo lugar, observa-se o processo de orientalização da figura de Alexandre, exemplificado pela adoção de algumas vestimentas persas e por seus casamentos com orientais. Essas atitudes, na contramão das antigas tradições macedônicas, causaram atritos entre o rei e os seus soldados. A querela entre os macedônios e o rei Alexandre, já no caminho de volta para a Babilônia em 324 a.C., deve ser entendida como uma dessas consequências.

**Palavras-Chave:** Alexandre; Oráculo de Siva; Opis; Susa; orientalização; indisciplina; dispensa dos veteranos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – DO EGITO ÀS MARGENS DO HÍFASO .....	3
CAPÍTULO 2 – O EXÉRCITO MACEDÔNICO E OS <i>EPIGONOI</i> .....	16
2.1 Formação e estruturas do exército macedônico. ....	16
2.2 Relevância política do exército dentro da sociedade macedônica. ....	20
2.3 Recrutamento dos epigoni ( <i>ἐπιγόνους</i> ) ao exército macedônico.....	23
CAPÍTULO 3 – A QUERELA DO ANO DE 324 A.C.....	25
3.1 As “Bodas de Susa”, a chegada dos <i>epigoni</i> e o pagamento dos débitos.....	25
3.2 A dispensa dos incapacitados e a revolta do exército. ....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	34

## INTRODUÇÃO

Alexandre chegou à Ásia em 334 a.C. com o objetivo de dar continuidade ao plano de seu pai, Filipe II, de conquistar o Império persa. Filipe foi responsável por colocar o periférico reino da Macedônia no centro da política grega, através da conquista da fronteira trácio-macedônica, de sua entrada para a Anfictiónia de Delfos<sup>1</sup> e da organização da Liga Tessália, impondo, assim, sua autoridade diante de um quadro de conflito entre as cidades-estados membros. Posteriormente, com a vitória na batalha de Queroneia<sup>2</sup>, os macedônios, pela primeira vez, estavam à frente da tomada de decisões na Grécia. Com a assassínio obscuro de Filipe, Alexandre herdou o posto de rei da Macedônia e líder da liga de Corinto, criada pelo seu pai com o objetivo de articular a invasão do Império persa. Dessa forma, como *hegemon*<sup>3</sup> dos gregos, deu início a sua campanha asiática desembarcando na cidade de Troia.

Alexandre avançou na Ásia Menor com êxitos importantes, sendo vitorioso nas duas primeiras grandes batalhas contra o Grande Rei. Primeiro, o exército macedônico venceu às margens do Grânico, onde a cavalaria teve um papel muito importante, destruindo a cavalaria persa. Em seguida, em Isso, os macedônios, mais uma vez, sagraram-se vencedores com a cavalaria novamente tendo um papel decisivo, obrigando o próprio Dario a fugir do campo de batalha. Mais adiante, o rei macedônio conquistou a importante cidade de Tiro, maior porto da região, e se dirigiu para o Egito, onde viveu um dos momentos mais importantes de sua trajetória política.

Sua passagem pelo oráculo de Amon suscita a questão de sua divinização, que lhe causaria atritos com o seu exército ao longo dos anos. Além disso, o casamento de Alexandre com Roxana e, posteriormente, com a filha mais velha de Dario e, também, com uma filha de Artaxerxes III (ARRIANO, 7.4), foram fatores que causaram estranhamento, bem como a tentativa de instaurar a tradição oriental da genuflexão entre os macedônios e a adoção de indumentário persa.

Estes são aspectos centrais na análise dos motivos da indisciplina dos macedônios observada em 324 a.C., após a dispensa de alguns veteranos, uma vez que tanto sua deificação, quanto a aproximação com a cultura oriental são fatores de distanciamento entre o rei e seus compatriotas. Para tanto, lança-se mão das ideias de Carney (1996), segundo as

---

<sup>1</sup> Liga religiosa grega, que cuidava dos interesses do oráculo de Delfos.

<sup>2</sup> Os macedônios enfrentaram uma aliança de cidades estado gregas lideradas por Atenas e Tebas.

<sup>3</sup> Título militar conferido a um líder grego antes de uma movimentação de guerra.

quais a indisciplina observada no evento em questão está diretamente ligada a esse distanciamento.

Para a realização da pesquisa, é necessário acompanhar atentamente as fontes disponíveis. Infelizmente, as principais fontes não são contemporâneas a Alexandre, mas baseadas nos relatos de indivíduos que estiveram na expedição asiática ou que, pelo menos, estavam vivos nesse período, como é o caso de Clitarco.

Em primeiro lugar, tem-se a chamada vulgata, tradição da qual fazem parte Diodoro, Quinto Cúrcio e Justino. Essa tradição acompanha mais de perto os relatos de Clitarco e tende a ter uma posição mais crítica em relação à figura de Alexandre. Em segundo lugar, tem-se a tradição composta por Arriano de Nicomédia. Sua obra, *Anábase de Alexandre*, é baseada principalmente nos relatos enaltecedores de Ptolomeu e Aristóbulo. Dessa forma, Arriano é visto como pertencente a uma tradição mais ligada ao poder oficial. Por último, tem-se, ainda, o grego Plutarco de Queroneia, fundamental pelo fato de ter preservado melhor a infância de Alexandre.

Este trabalho tem como objetivo compreender a relação entre Alexandre e os macedônios durante o recorte estabelecido. Para tanto, organiza-se a análise em três capítulos referentes, respectivamente: a expedição asiática, mais especificamente os episódios que deflagraram o distanciamento; um estudo da formação e estrutura do exército macedônico, além de seu papel na sociedade macedônica, bem como o recrutamento de jovens persas; e a problematização da indisciplina do exército em 324 a.C. a partir de seus antecedentes e dos indícios encontrados nas fontes.

## CAPÍTULO 1

### DO EGITO ÀS MARGENS DO HÍFASO

O recorte delimitado entre a passagem de Alexandre pelo Egito, onde o rei peregrinou ao oráculo do deus Amon, e a decisão de voltar para Babilônia às margens do rio Hífaso, quando o exército decidiu não continuar adiante, é fundamental para a compreensão do distanciamento entre Alexandre e os seus soldados. Isso porque, nesse período observa-se vários episódios que deflagram a orientalização e a deificação do rei Alexandre, assim como a insatisfação do exército decorrentes desses processos.

A conquista do Egito não exigiu esforço do exército macedônico. Isto pois, segundo Arriano, as vitórias decisivas no Granico e em Isso, esta última com a presença do grande rei persa, causaram uma grande impressão em Micazes, o sátrapa do Egito. Dessa forma, Micazes recebeu Alexandre, *hegemon* dos gregos, sem nenhum tipo de resistência (ARRIANO, 3. 1; DIODORO, 17.49); ao invés disso, presenteou-o com uma quantia de oitocentos talentos e todos os pertences reais (QUINTO CÚRCIO, 4. 7).

Desde a sua conquista por Cambises II no séc. VI a.C, os egípcios não cessaram de se rebelar contra sua anexação ao império Aquemenida, pois desde o início de sua dominação na região, os persas desrespeitaram os costumes e crenças locais, destruindo templos e, inclusive, matando o touro sagrado, Ápis (GREEN, 2010, p.268). Assim, Quinto Cúrcio relata que os egípcios consideravam ser governados pela soberba e a avareza dos persas<sup>4</sup> (4. 6). Como exemplo dessa insatisfação, anos antes da chegada de Alexandre ao Egito, os egípcios contaram com a ajuda do espartano Agesilau para se libertarem do domínio persa. Este levante findou com a derrocada do último faraó nativo do Egito, Nectanebo<sup>5</sup>.

Essa revolta é interessante na medida em que revela uma antiga aliança entre gregos<sup>6</sup> e egípcios, lutando contra um adversário comum – os persas. Esse histórico e recentes sucessos militares de Alexandre fizeram com que os egípcios vissem nele a imagem de um libertador e

---

<sup>4</sup> Diodoro reforça a informação de Quinto Cúrcio e atesta que os persas destruíram os templos egípcios durante o tempo de dominação persa no Egito (17.49).

<sup>5</sup> Bevan menciona que, anos após a morte de Alexandre, uma lenda de que Nactanebo seria o pai de Alexandre se propagou no Egito. Segundo a lenda, Nactanebo seria um mago, e, dessa forma, teria se transformado em uma serpente para ter relações com Olímpia. Assim, Alexandre teria sido concebido, através da relação entre Nactanebo e Olímpia. Tal história, conta Bevan, foi usada como instrumento de legitimação da dinastia lágida no Egito (1968, p.3).

<sup>6</sup> Saber se de fato os macedônios eram considerados gregos pelos próprios gregos é um ponto de debate historiográfico. Os macedônios participavam dos jogos olímpicos desde Alexandre I (Filo-heleno), no entanto, tal condição lhes foi dada depois de forjarem uma ascendência vinda de Argos (GREEN, 2013, p. 269).



não de um inimigo que pretendia dominá-los e anexar militarmente seu território. Ademais, a anexação do Egito não estava prevista nos objetivos da Liga de Corinto<sup>7</sup>, logo Alexandre teria tomado o cuidado de não tratar o Egito de outra maneira (MOSSÉ, 2004, p. 30).

Para Mossé, a passagem de Alexandre pelo Egito é importante ao passo que representa uma mudança na maneira como o rei via seu poder. Isso porque, fez dele algo mais do que o rei da Macedônia, tendo se tornado o “rei Alexandre”, filho de Amon e líder de um império muito além da Grécia.

Dois momentos que marcaram sua passagem pela região embasam essa ideia. O primeiro deles foi a fundação de Alexandria<sup>8</sup>, que após a queda de Tiro passou a ser vislumbrada por Alexandre como o novo grande porto do Mediterrâneo e de seu grande império, e não apenas como um posto avançado para a expedição (BEVAN, 1968, p. 4). A fundação de uma nova cidade (com o seu nome), e a possível ambição de torná-la o maior porto do Mediterrâneo assinalam os anseios de Alexandre por um império muito maior que o reino da Macedônia e das ambições da Liga de Corinto, que se estendesse por todo o oriente conhecido. Assim, Alexandre já parecia criar as bases do que seria esse novo império, no qual o Egito teria um papel central.

O segundo momento foi a visita de Alexandre ao oráculo de Amon. Sobre isso, Arriano diz que o motivo da peregrinação teria sido a vontade de Alexandre em se equiparar a Perseu e Hércules (ARRIANO, 3.2), que na mitologia grega também teriam visitado o oráculo. Nesse sentido, os próprios relatos do percurso que levou Alexandre ao oráculo são cercados de lendas que insinuam a divindade do rei. Diodoro, por exemplo, relata uma rara chuva que teria ocorrido, matando a sede dos soldados que o acompanhavam, além de corvos que teriam mostrado o caminho certo para Alexandre (17.49).

O encontro de Alexandre com o sacerdote de Amon é marcado por imprecisões. Tanto para Arriano (3. 4), quanto para Quinto Cúrcio (4. 7), Alexandre obteve a resposta que desejava do sacerdote, resposta que atestava seu status de divindade. Justino segue essa mesma linha ao afirmar que Alexandre subornou os sacerdotes de Amon, e, dessa forma, recebeu as respostas que ansiava (Mossé, 2004, p.182). No entanto, Plutarco (*Alexandre* 27), em seu relato sobre a visita ao oráculo, conta que o sacerdote, ao cumprimentar Alexandre em

---

<sup>7</sup>Aliança entre cidades estado gregas criada por Felipe II, da qual Esparta nunca se aliou.

<sup>8</sup>Alexandre fundou, ao longo da expedição, não apenas a Alexandria do Egito, mas uma série de outras Alexandrias, pelos territórios que foi adentrando. Segundo Walbank, essas cidades eram fundadas apenas em lugares onde seria mais fácil manter os colonizadores, como áreas de fácil agricultura. Entre seus propósitos, as Alexandrias serviam para diversas funções, como guardar pontos estratégicos e supervisionar áreas maiores (1992, p.43). Séculos depois da fundação da Alexandria do Egito, Diodoro relatou o grande desenvolvimento da cidade, argumentando que, em seu tempo, era a cidade mais importante do mundo civilizado (17,52)

grego, querendo dizer *paidion* (meu filhinho), disse *paidios* (filho de Amon-Zeus)<sup>9</sup>. Logo, o sacerdote não teria tido a intenção de chamar Alexandre de filho da divindade. No entanto, ainda de acordo com Plutarco, Alexandre teria gostado de ter sido chamado de filho de Amon Zeus<sup>10</sup>, e por uma confusão dos casos da gramática grega, a história de que Alexandre seria filho de Amon se espalhou.

Apesar da possível confusão, era comum no Egito referir-se ao faraó como filho de Amon. Por mais que não haja indícios de que Alexandre tenha passado por um ritual de coroação (Bevan, 1968, p.3), o rei dos macedônios, na prática, já era o senhor da região. Isso pode reforçar a versão de que, ao contrário do que relata Plutarco, Alexandre realmente teria sido chamado de filho de Amon pelo oráculo de Siva.

De qualquer maneira, a questão da divinização de Alexandre se deu durante a expedição ao oráculo de Siva, afinal, o próprio oráculo lhe teria conferido esse status. A partir daí, podemos perceber uma mudança na forma como o rei se portava, que evoluiu para a exigência de honras divinas dos gregos reunidos em Olímpia em 324. Dessa forma, durante a passagem pelo Egito, nota-se tanto o desejo de Alexandre de tornar-se divino, quanto a sua ambição de estender seu poder e influência para muito além da Macedônia. Portanto, esse momento deve ser observado com atenção, dado que sintetiza os motivos de distanciamento entre o rei e os macedônios, sua divinização e orientalização.

Alexandre ficou apenas um ano no Egito. Na primavera de 331, voltou suas atenções para o que seria a última grande batalha contra o rei Dario. Assim, o exército de Alexandre, partindo do Egito, fez uma breve parada em Tiro, onde o rei dos macedônios reorganizou os territórios conquistados, fez sacrifícios a Hércules e organizou jogos (ARRIANO, 3. 6). Em seguida, o exército atravessou o Eufrates, chegando a Tapsaco por volta dos meses de agosto e julho.

Seguindo o Eufrates, Alexandre não rumou para a Babilônia, pois mais ao norte obteria suprimentos com mais facilidade e encontraria um caminho menos intenso (ARRIANO, 3. 7). Dario, então, foi obrigado a levar seu exército da Babilônia, uma das capitais do Império persa, para o norte, em Arbela. Arriano e Plutarco contam que, na noite anterior à batalha na

---

<sup>9</sup>O equívoco cometido se deu pela pronúncia de um σ no lugar de um ν. ὦ παιδίον, no vocativo, significa “meu filho (filhinho)”; já o emprego de ὦ παιδίος indica “filho de Zeus”. Esta construção se dá pela junção de ὁ παῖς, no nominativo, com τοῦ Διός, no genitivo, ou seja, filho de Zeus.

<sup>10</sup>Segundo Walbank, para gregos e macedônios era uma prática comum identificar nos deuses estrangeiros os seus próprios deuses. Tal tradição de relacionar Amon com Zeus, por exemplo, é observada nos trabalhos do poeta tebano, Píndaro, que, inclusive, compôs um hino a Amon, intitulado “Amon, rei do Olimpo”.

planície da Gaugamela<sup>11</sup>, Parmênio<sup>12</sup> aconselhou o rei macedônio a atacar os persas durante a noite para, assim, surpreendê-los. Contudo, Alexandre teria recusado, dizendo que não seria honroso roubar a vitória, pois esta deveria ser conquistada sem tais artifícios (ARRIANO, 3. 9; PLUTARCO, *Alexandre*, 31).

A vitória sobre os persas foi completa. Em sua descrição da vitória macedônica em Gaugamela, Arriano (3. 14) conta: “[...] Dario, que agora se encontrava em pânico, não via nada, apenas terror ao seu redor, tendo ele mesmo sido o primeiro a se virar e fugir.” (καὶ πάντα ομοῦ τὰ δεινὰ καὶ πάλαι ἤδη φοβερῶι ὄντι Δαρείῳ ἐφαίνετο, πρῶτος αὐτὸς ἐπιστρέψας ἀφευγεν). Após o êxito, Alexandre escreveu aos gregos dizendo que todas as tiranias estavam abolidas e que eles agora tinham o direito de se auto governarem<sup>13</sup> (PLUTARCO, *Alexandre*, 34).

A decisiva vitória de Alexandre em Gaugamela obrigou Dario a fugir, e abriu caminho para as capitais persas. A Babilônia foi o seguinte destino, lá os macedônios foram recebidos sem resistência. Alexandre mandou reconstruir os templos destruídos por Xerxes, especialmente o templo de Baal (ARRIANO, 3. 16). Da Babilônia, Alexandre seguiu para Susa, onde também não encontrou resistência.

Em Susa, Alexandre delegou a função de sátrapas a um persa, Abulites. Tal decisão, segundo Mossé, revela o pragmatismo de Alexandre, pois optava por conservar as estruturas locais dos territórios conquistados (2004, p. 35). Briant vai na mesma direção e afirma que Alexandre era, de fato, muito pragmático e sabia, dependendo da ocasião, lidar com as necessidades exigidas, como, por exemplo, dividir satrapias muito extensas (2010, p.62). No entanto, ainda sobre a administração do novo império, Green enxerga esse pragmatismo sob outra ótica, pois entende que a expedição alexandrina era, na verdade, autodestrutiva, na medida em que não privilegiava a manutenção do império, mas, apenas, o ato da conquista. Green evidencia a falta de preocupação com a continuidade do império macedônico pela despreocupação de Alexandre, por exemplo, em preparar um caminho para a sua sucessão<sup>14</sup> (2014, p.50). Da mesma forma, Alexandre estaria apenas preocupado em seguir adiante e com rapidez, na tentativa de conquistar o máximo que pudesse.

---

<sup>11</sup>O nome da planície, segundo Plutarco, significa “a morada do camelo”. Isso pois, um antigo rei da região teria fugido de seus inimigos montado em um camelo e por ali deixado o animal. (*Alexandre*, 31)

<sup>12</sup>Experiente general de Alexandre, pai de Filotas.

<sup>13</sup>Tal proclamação, ainda segundo Plutarco, demonstra o desejo de Alexandre em despertar a admiração dos gregos. Essa necessidade do rei macedônio em agradar os helenos pode ter nascido do desinteresse dos gregos pela expedição, o que seria uma consequência da sua não aceitação de Alexandre como representante da Hélade (Green, 2014, p. 49).

<sup>14</sup>Alexandre teria se recusado a aceitar conselhos para gerar um herdeiro antes de partir para a Ásia. Além disso, o rei em seu leito de morte não teria indicado um nome para sua sucessão.

Apesar da falta de resistência nas últimas conquistas, em sua chegada a Persépolis<sup>15</sup>, cidade mais rica do Império persa (DIODORO, 17.70), o exército de Alexandre encontrou grande oposição organizada pelo sátrapa local, Ariobarzanes. Mas de todo modo, apesar de grande dificuldade, Alexandre conquistou Persépolis e deu ordens para seus soldados saquearem e queimarem o palácio da cidade<sup>16</sup>. Diodoro conta que a excitação de saquear a cidade foi tamanha que houve casos de macedônios brigando entre si pelos tesouros ali encontrados.

Este evento marca um paralelo importante com o acontecido em Tebas, antes da partida para a Ásia Menor, quando Alexandre destruiu e escravizou os tebanos após uma revolta contra a hegemonia macedônica<sup>17</sup>. Em ambos os eventos, Alexandre usou de grande violência para impor sua posição hegemônica.

Green e Briant, sobre a causa da destruição de Persépolis, apontam para uma possível rejeição e demonização de Alexandre pelos iranianos, o que teria levado o rei a chegar na capital persa menos otimista para reivindicar, por vias diplomáticas, a coroa Aquemênida. Não sendo isso possível, Alexandre estaria determinado a tomar a coroa pela força das armas, o que explicaria a destruição do palácio real e a “carta branca” dada por ele aos seus soldados para saquearem a cidade, apesar de sua rendição (GREEN, 2013, p. 315; BRIANT, 2010, p.89). Sob outra ótica, Mossé explica a decisão do rei macedônio, de permitir que o exército saqueasse Persépolis, como forma de agradar seus soldados que vinham de batalhas desgastantes (2004, p. 35). Já para Lane Fox e Walbank (2004, p.524; 1992, p.33), a pilhagem de Persépolis significou o clímax do sentimento de revanche grego contra os persas. Essa revanche há anos já vinha sendo discutida na política helena. Tal sentimento revanchista foi, inclusive, um dos pilares para justificar a expedição asiática de Alexandre.

Enquanto isso, o Grande Rei ainda fugia e após buscar refúgio na Bactriana, foi assassinado pelo sátrapa da região, Besso, que se autoproclamou sucessor do império persa, mas que, no entanto, foi preso pelas tropas de Alexandre e executado pouco depois<sup>18</sup>. Sobre a

---

<sup>15</sup>Lane Fox conta que Alexandre dizia aos seus soldados que Persépolis era a cidade que eles mais deveriam odiar na Ásia, pois representava o poder persa (2004, p.519).

<sup>16</sup> Em seu relato sobre a passagem de Alexandre por Persépolis, Diodoro (17.70) diz que a cidade que um dia superou todas as outras em termos de riquezas, com a chegada de Alexandre superou todas as outras cidades em desgraça.

<sup>17</sup>Os rumores de que Alexandre teria morrido e que incitaram a revolta em Tebas teriam sido espalhados por alguns indivíduos, contra Macedônia, que aliciaram a população tebana com um discurso de liberdade e não censura contra a hegemonia macedônica (ARRIANO, 1.7).

<sup>18</sup> Besso fugiu da Bactriana e rumou para Sogdiana, onde, finalmente, foi capturado. Arriano (3. 30) diz que, segundo Aristóbulo, Besso foi levado para Alexandre inteiramente nu, amarrado e com um julgo de escravo em seu pescoço. Dessa forma, ele foi castigado duramente, e depois levado para ser julgado pelo assassinato do rei Dario; Teve as orelhas e o nariz cortados e, enfim, foi executado em público em Ecbatana, em 328. Plutarco

morte de Dario, Plutarco diz que em seus últimos momentos, ao ser encontrado pelo macedônio Polístrato, teria saudado Alexandre por sua atitude de acolher seus familiares como pessoas da nobreza (PLUTARCO, *Alexandre* 43). Quinto Cúrcio também relata as últimas palavras de Dario a Polístrato, por meio das quais o rei persa teria lamentado ter vivido em inimizade com o mais misericordioso vencedor e, dessa forma, não ter tido a oportunidade de agradecê-lo<sup>19</sup> (5. 13).

Na sequência, é interessante perceber tanto em Arriano, quanto em Quinto Cúrcio e Plutarco o grande pesar do rei Alexandre com a morte de Dario e o seu cuidado com o destino do cadáver (ARRIANO, 3. 10; Quinto Cúrcio 5. 13; Plutarco, *Alexandre*, 43). O pesar de Alexandre, exaltado nas fontes, pode significar nada mais do que uma tentativa desses autores de enobrecer a figura de Alexandre, como misericordioso diante de seu oponente derrotado. Entretanto, não se pode descartar tal afinação entre autores diferentes, e de tradições diferentes<sup>20</sup>. Logo, talvez não seja exagero inferir que o grande pesar de Alexandre seja, na verdade, oriundo de seu respeito não apenas pelo Grande Rei, mas também por toda a tradição do Império persa. Por conseguinte, não parece ser imaginativo pensar em uma vontade do rei macedônio em se aproximar da cultura oriental em algum momento, na medida em que se tornara senhor de seu território.

Essa aproximação passou a se tornar um problema após a morte de Dario, visto que suceder o monarca Aquemênida ia de encontro com as antigas tradições macedônicas (MOSSÉ, 2004, p.37). Para os macedônios, a forma de poder alegadamente despótica exercida pelos reis Aquemênidas contrastava com as antigas tradições do povo macedônico. Um dos defensores dessa antiga tradição era o experiente general Parmênio<sup>21</sup> (MOSSÉ, 2004, p. 37), que após um suposto caso de traição, foi executado com seu filho Filotas.

O possível desejo de Alexandre em assumir a coroa persa é motivo de debate historiográfico. Assim, se por um lado Mossé e grande parte da historiografia referente ao

---

(*Alexandre*, 43) diz que Besso logo foi esquartejado por Alexandre, sem ter sido levado a qualquer julgamento. Já Diodoro afirma que o usurpador foi entregue aos parentes de Dario, e, assim, exposto a todo tipo de humilhação até a sua morte (17.83).

<sup>19</sup> Dario, no relato de Quinto Cúrcio, pode estar se referindo ao fato do rei dos macedônios ter tratado como pessoas da nobreza a sua família, na Babilônia, quando a cidade foi tomada.

<sup>20</sup> As chamadas fontes vulgatas (Quinto Cúrcio, Diodoro e Justino) escreveram suas obras a partir dos relatos de Cleitarco. Já Arriano baseou-se nos relatos de Ptolomeu, por exemplo (ROISMAN, 2012, p.33).

<sup>21</sup> Segundo Green (2014, p.39), Parmênio foi, desde antes do início da expedição, um problema para Alexandre. Isso pois, Alexandre, antes de partir para a Ásia, teria pedido a Parmênio que orquestrasse a morte de um antigo desafeto seu, Átalo, genro do general. Parmênio aceitou, aliando-se a Alexandre, no entanto, teria exigido um alto preço em troca. O general teria ganhado a função de assessor imediato de Alexandre, além de indicar para cargos importantes para amigos e parentes. Dessa forma, além da forte oposição de Parmênio em relação a orientalização do rei, suas exigências teriam desgastado sua relação com Alexandre. Pode-se, então, inferir que o envolvimento de Filotas na conspiração pode ter sido, apenas, uma desculpa para a execução de Parmênio.

tema defendem o desejo de Alexandre em se tornar o novo Grande Rei. Por outro, tem-se a perspectiva revisionista defendida por Collins (2012, p.371), para quem Alexandre nunca teve a intenção de suceder Dario, como novo Grande Rei. Na verdade, Alexandre estaria fundando, conscientemente, uma nova forma de monarquia, que ia além da sucessão do império persa, e também da manutenção das tradições macedônicas. Para tanto, Alexandre precisaria harmonizar sua imagem, de modo a fazer com que tanto macedônios, quanto orientais se sentissem parte de um mesmo império.

Dessa forma, a adoção de certos hábitos e vestimentas persas era fundamental para legitimar seu poder com seus novos súditos. Após a batalha de Gaugamela, Alexandre adotou diversos adereços persas que teriam essa função, entre eles estão: o diadema<sup>22</sup>, que acabou por se tornar o símbolo maior de sua monarquia, sendo, em seguida, também o símbolo dos reis helenísticos; o *zone*, cinto persa, visto entre os orientais como um símbolo de lealdade entre autoridades e subordinados; o *chiton*, túnica persa de cor púrpura com uma listra branca, sendo um dos principais adereços dos reis persas (assim como a tiara<sup>23</sup>) (Collins, 2012, p.371).

Nesse momento, quando Alexandre já poderia se considerar senhor da Bactriana e da Sogdiana, que teria Clito<sup>24</sup>, o negro, como novo regente, ocorreu um episódio que deflagra a insatisfação do exército com essa orientalização do rei e sua divinização, atestada no Egito.

O rei se reuniu com seus generais na cidade de Macaranda (na província da Sogdiana) para um banquete (*symposia*), apenas mais um como muitos outros. Com o passar da noite, segundo Arriano (4. 9), Alexandre começou a se vangloriar de seus feitos como líder dos macedônios, provocando propositalmente seus generais mais experientes. Quinto Curcio (8. 1) diz que Alexandre, após ter bebido muito vinho, começou a se colocar acima de Filipe, seu pai. Alexandre teria dito que o salvara em Queroneia e que era o único responsável pela vitória contra uma revolta dos ilírios, quando seu pai nem se quer estava presente. Clito, então, em desacordo, começou a atacar Alexandre quanto à adoção de vestimentas iranianas. Clito também argumentava que as vitórias de Filipe II teriam sido maiores que as de

---

<sup>22</sup>A adoção do diadema por Alexandre da monarquia persa é alvo de debate historiográfico. Isso pois, muito se coloca em dúvida se o diadema, de fato, fazia parte da indumentária da nobreza persa, dado que não é encontrado na iconografia Aquemênida. Por outro lado, nos relatos de Xenofonte, em *Cyropaedia* (8.3.13), Ciro é descrito usando um diadema. Além da origem persa, também se especula que o diadema poderia ser oriundo das fitas de vitória distribuídas em jogos na Grécia, ou do próprio deus Dioniso, que usou, na mitologia grega, um adereço semelhante em sua visita à Índia.

<sup>23</sup>A tiara era o maior símbolo da monarquia persa, sendo usada somente pelo Grande Rei. Alexandre não teria adotado a tiara, justamente para não se identificar de forma tão forte com os reis aquemênidas. Afinal, não seria seu desejo suceder os Grandes Reis (COLLINS, 2012, p.385).

<sup>24</sup>Importante general de Alexandre, que também serviu a Filipe II.

Alexandre, e que as recentes conquistas só teriam sido possíveis graças aos generais mais experientes, e não pela divindade de Alexandre. Por fim, alegando que Alexandre devia sua vida a ele<sup>25</sup>, afirmou: “[...]Esta mão, Alexandre, salvou você!” ([...]αυτη σε ή χειρε, φαναι, ω Αλεξανδρε, εν τω τοτε εσωσε) (ARRIANO, 4. 9).

O general ainda acusou Alexandre do assassinato de Parmênio e de renegar e desonrar seu pai ao aceitar se tornar filho de Amon. Logo, Alexandre, tomado pela raiva, arremessou uma maçã contra Clito e começou a procurar por sua espada, prudentemente retirada por um dos guardas. Percebendo o que estava por vir, alguns homens próximos ao rei tentaram interromper a discussão enquanto Alexandre alegava ter sido traído. Furioso, tomou uma lança de um dos guardas e perfurou Clito, matando-o. Após o assassinato do experiente general, Alexandre ficou muito abalado. Tentou retirar a lança do corpo do amigo e, em seguida, ferir-se, ação impedida por seus companheiros. Alexandre, então, trancou-se em seus aposentos pelo resto da noite, lamentando-se aos gritos por Clito e Lanice<sup>26</sup>, sua irmã (ARRIANO, 4. 9).

O assassinio de Clito, próximo a execução de Parmênio, marcou um momento importante na trajetória de Alexandre. Afinal, um de seus mais proeminentes generais havia perdido a vida pelas mãos do próprio rei, após uma discussão que envolvia os novos hábitos persas de Alexandre e a sua deificação. A relação entre Alexandre e seu exército, após a morte de Clito, certamente foi abalada. Pode-se deduzir que as acusações feitas por Clito contra o rei não passavam apenas pela cabeça do velho general, mas também por muitas seções do exército.

Sobre esse evento, ainda, é interessante refletir sobre a questão dos banquetes na sociedade macedônica. O ocorrido com Clito ilustra bem a tensão existente entre a tradicional igualdade empregada nos banquetes gregos, e a rígida monarquia macedônica. Sawada é enfático ao reportar a grande influência grega nos banquetes macedônicos, no entanto revela a contradição entre o regime de igualdade empregado nos banquetes gregos, e o regime autocrático da monarquia macedônica. Dessa forma, Clito estava agindo de acordo com um costume tradicional grego, afinal, o banquete serviria, entre outras coisas, para o debate (*parrhesia*), mas, ao mesmo tempo, teria entrado em conflito com a autocrática monarquia macedônica, contrariando o rei (SAWADA, 2010, p.397). A discussão sobre o poder de decisão concentrado, exclusivamente, nas mãos do rei macedônio, como defende Sawada, ou uma possível divisão desse poder com outras instituições da sociedade, como o exército, é alvo de

---

<sup>25</sup>Clito teria salvado a vida de Alexandre durante a batalha do Granico (ARRIANO, 4. 9).

<sup>26</sup>Filha de Dropides e irmã de Clito, certa vez cuidou de Alexandre como enfermeira. (ARRIANO, 4. 9).

debate historiográfico e será discutido adiante para melhor entender o relação do rei com o seu exército.

Após o incidente em Macaranda, Amintas assumiu a satrapia da Bactriana. Alexandre, em seguida, conquistou a Paretacena na primavera em 327. De volta à Bactriana, casou-se com Roxana, filha de Oxiartes. Segundo Quinto Cúrcio, Roxana tinha uma beleza notável e um bom comportamento, o que seria incomum para uma bárbara (8. 4). Todavia, ao casar-se com uma iraniana, Alexandre ignorou, mais uma vez, as tradições macedônicas. Além disso, a crescente necessidade de reforços militares levou o rei a recrutar, para treinamento militar, cerca de trinta mil jovens iranianos.

Tais ações desagradaram profundamente seus generais, que viam com maus olhos essa aproximação da cultura oriental. Por outro lado, essas medidas, segundo Plutarco (*Alexandre*, 47), ajudavam na aproximação e na aceitação do rei com os povos conquistados. Oxiartes, por exemplo, era fundamental para Alexandre, pois sendo um dos seus mais poderosos “ex-inimigos” poderia convencer futuros adversários à submissão (GREEN, 2013, p.370).

Adiante, a “conspiração dos pajens<sup>27</sup>” colocou, mais uma vez, a orientalização do rei em questão, intensificando a tensão entre Alexandre e os macedônios. A conspiração tinha Calístenes<sup>28</sup> como, supostamente, um dos líderes e pretendia assassinar o rei. O resultado da fracassada tentativa foi a execução de cinco pajens e de Calístenes, que tinha como função registrar a expedição asiática. A participação do sobrinho de Aristóteles na conspiração nunca foi, de fato, comprovada. Entretanto, a sua radical posição contra a tentativa de Alexandre de introduzir a genuflexão entre os macedônios durante um banquete pode ter levado seu nome a constar entre os conspiradores.

Para os gregos, o ato da genuflexão era apenas aceito diante de uma figura divina (GREEN, 2013, p.373). Curvar-se diante de uma pessoa, fosse ela da realeza ou não, era um ato de extrema humilhação, blasfêmia e, por vezes, de natureza cômica. Na cultura persa, a genuflexão era um gesto natural diante de um indivíduo de classe superior. A tentativa de implantar a genuflexão entre os macedônios desagradou alguns generais. Calístenes, por exemplo, em um banquete recusou-se a se curvar diante do rei (e teve sérios problemas por isso). Isso pois, tal gesto apenas poderia ser oferecido à figura de um deus, posto que Alexandre ainda não havia conquistado entre os macedônios. Além do mais, para os gregos, a genuflexão era um símbolo de submissão do povo persa diante do Grande Rei, que, segundo

---

<sup>27</sup>Os pajens eram filhos da elite macedônica que eram trazidos à corte do rei de modo a serem preparados para, um dia, se tornarem Companheiros. A instituição dos pajens pode ter sido inspirada no costume persa de, também, trazer os filhos da nobreza para viverem na corte (Sawada, p. 404).

<sup>28</sup>Calístenes era sobrinho de Aristóteles, mentor de Alexandre.



Walbank (1992, p.38), tinha poder absoluto. Os Macedônios não apreciavam tal forma de devoção e se orgulhavam de ser um povo liderado não pela força, e sim pela persuasão (DROYSEN, 2010, p. 62). Como exemplo disso, o próprio rei Alexandre havia se pronunciado, após a vitória em Gaugamela contra Dario, atestando a abolição das tiranias (PLUTARCO, *Alexandre*, 34). Dessa forma, quando Alexandre tentou implantar tal gesto no corte ele desrespeitou os costumes macedônicos.

Com todos esses dilemas e tensões, ligados ao seu processo de divinização e orientalização, que cada vez mais o afastavam do seu exército, Alexandre deu início à difícil conquista da Índia. Uma terra desconhecida e cercada de mistérios, que fora conquistada pouco antes pelo Império Persa. O interesse em conquistar essas terras longínquas talvez passasse pelo fato de, na mitologia grega, Dionísio e Hércules terem visitado a região. Dessa maneira, empreender uma campanha na Índia significava, mais uma vez, igualar-se a deuses e heróis mitológicos. Além disso, outro fator possível para o interesse de Alexandre na Índia era recuperar as satrapias que Ciro havia conquistado gerações antes, legitimando, assim, seu poder entre os persas. Por sua vez, essa outra justificativa reforça seu desejo de se aproximar dos persas.

Os macedônios pouco ou nada sabiam da geografia da região. Com efeito, Aristóteles acreditava que no cume do Hindu Kush<sup>29</sup> seria possível avistar o mar, hipótese que Alexandre pôde descartar. As regiões mais afastadas ao leste, como China e Malásia, eram desconhecidas pelos gregos. Logo, toda a estratégia elaborada para a conquista da Índia foi construída sobre hipóteses, em sua maioria falsas.

A campanha começou em 326. O exército foi dividido em dois grupos: o primeiro, comandado por Hefestião e Pérdicas, deveria chegar ao vale do Indo o mais rápido possível; o segundo grupo tinha como comandante Alexandre e Crátero, como segundo comandante.

O grupo comandado por Alexandre enfrentou dificuldades ao sitiar a fortaleza de Assacenes, em Massaca, que resultou no massacre da população local. Em seguida, os dois grupos se reencontraram no vale do Indo, onde representantes da cidade de Taxila, próximo alvo de Alexandre, se apresentaram para comunicar sua rendição.

Após a travessia do Indo, o exército de Alexandre chegou a Taxila, que segundo Arriano (5. 2) era a maior cidade entre o vale do Indo e o Hidaspe. Lá foram recebidos, de fato, sem resistência. Alexandre, então, começou os preparativos para seu maior desafio na Índia, vencer o poderoso rei Poro e seus elefantes de guerra.

---

<sup>29</sup>Montanha que passa pelos atuais Afeganistão e Paquistão.

Alexandre usou os restos da ponte que utilizou para atravessar o Indo para construir uma nova no rio Hidaspe, rio que protegia o reino de Poro. A batalha contra Poro demonstrou, mais uma vez, as qualidades de Alexandre como estrategista, habilidade que deu a vitória aos macedônios. O rei realizou manobras com a sua cavalaria que evitaram o confronto direto com os elefantes do rei indiano. Durante a batalha, Alexandre perdeu seu lendário cavalo Bucéfalo que posteriormente foi homenageado pelo rei com a fundação de uma cidade com seu nome, Bucefália<sup>30</sup>. Do lado derrotado, segundo Arriano, Poro perdeu dois filhos, vinte mil homens e cerca de três mil cavaleiros<sup>31</sup> (5. 17).

No entanto, Alexandre encontrou em Poro um grande guerreiro, que, diferentemente de Dario, não fugiu, deixando seu exército para trás diante de uma iminente derrota. Dessa forma, segundo Diodoro (17.89), após a batalha, Poro foi designado como regente da região.

Assim, Alexandre deu continuidade a expedição, mas à medida em que avançava a Leste, menos se sabia sobre o que estaria por vir. A maior parte das informações que Alexandre tinha sobre a geografia da Índia vinha de Aristóteles, que não era uma fonte muito segura a respeito. Os macedônios encontraram na Índia um clima diferente ao que estavam habituados em sua terra natal: mais abafado; mais quente; com chuvas que chegavam a durar dois meses. Após oito anos entre batalhas e milhares de quilômetros percorridos, Alexandre e seu exército já não apresentavam o mesmo vigor. Dessa forma, a Índia estava longe de ser uma conquista fácil para os macedônios.

Para agravar a situação, as seguintes batalhas travadas pelo exército macedônio contra tribos indianas exigiram grandes esforços. O principal desafio se apresentou quando Alexandre empreendeu a conquista da cidade de Sangala, onde se fez necessário o uso pesado de maquinário de cerco.

Todas essas dificuldades na Índia, acrescidas de problemas ocorridos durante toda a expedição como as “três catástrofes” (como são chamados por Briant (2010, p.96) os assassinios de Clito, Calistenes e Parmênio, em um intervalo de três anos)<sup>32</sup>, a má recepção do exército em relação a adoção do rei de trajes e hábitos persas, e o seu casamento com Roxana, desgastaram muito a relação de Alexandre com os seus soldados. A chegada do exército

---

<sup>30</sup>Alexandre fundaria, ainda, uma cidade com o nome de seu cachorro favorito, Perita. (GREEN, 2013, p. 402).

<sup>31</sup>Diodoro (17.89) relata a morte de cerca de doze mil indianos, número bem reduzido em relação ao número relatado por Arriano.

<sup>32</sup>“Três catástrofes” é como chama Briant o período que compreende o ano de 330 e 327 (330, execução de Filotas; 328\327 assassinio de Clito; 327, execução de Calistenes). Nesse curto espaço de tempo, Alexandre desgastou profundamente sua relação com o exército, eliminando três importantes membros da expedição (BRIANT, 2010, p.96).

macedônico ao rio Hífaso, após a conquista de Sangala, marcou o momento em que o exército decidiu não continuar mais.

Às margens do afluente do rio Indo, com constantes rumores de revolta, circulando entre os homens, Alexandre percebeu que o seu exército não estava disposto a prosseguir<sup>33</sup>. Ademais, não havia um incentivo como o saque Persépolis para dar aos homens. Segundo Roisman, os soldados já não aceitavam os planos do rei, pois a exaustão física e, principalmente, mental chegara a um limite, visto que alguns veteranos do exército estavam em serviço desde os tempos de Filipe (2012, p.32).

Alexandre, então, reuniu seu exército para tratar do assunto e discursou. Segundo Arriano (5. 26), o rei disse: “Pela minha parte, não coloco limites para o esforço em um homem de espírito nobre, sendo que o próprio esforço deveria liderar a bravura[...]” (Πέρας δὲ τῶν πόνων γενναίῳ μὲν ἀνδρὶ οὐδὲν δοκῶ ἔγωγε ὅτι μὴ αὐτοὺς τοὺς πόνους, ὅσοι αὐτῶν ἐς καλὰ ἔργα φέπουσιν[...]). Após as palavras proferidas por Alexandre no intento de convencer seus companheiros a continuar para além do Hífaso, um grande e constrangedor silêncio se instaurou; ninguém ousava contradizer o rei, mas, por outro lado, ninguém o apoiava.

Alexandre insistiu para que alguém se pronunciasse, até que Coênio, filho de Polemocrates, pronunciou um discurso em tom respeitoso ao rei, que lhe sugeria voltar a sua terra natal para obter as honras de suas conquistas e, assim, iniciar uma nova expedição com homens mais jovens e mais saudáveis. A fala de Coênio, segundo Arriano (5. 27), chegou a produzir lágrimas na audiência que ouvia o discurso, o que atesta como os macedônios já não suportavam mais seguir em frente. Quinto Cúrcio (9.3), também, reproduz o discurso de Coênio, e relata que o macedônio ratificou que se fosse do desejo do rei, eles continuariam. Entretanto, Coênio revela que eles já haviam conquistado o bastante e estavam exaustos, e pergunta se o rei colocaria esse nobre exército em face de bestas selvagens que viriam adiante.

Alexandre, então, ficou irritado com as palavras de Coênio e com a comoção que este teria causado. Retirou-se para seus aposentos e apareceu no dia seguinte para dizer que seguiria adiante, mas que não obrigaria nenhum macedônio a seguir com ele. Sobre aqueles que decidissem voltar, Arriano (5. 28) relata que Alexandre teria dito que deveriam ir. Mas

---

<sup>33</sup>Sheppard, sob uma ótica revisionista, entende que não apenas o exército macedônico, mas também Alexandre tinha o desejo de retornar, às margens do rio Hindus. No entanto, Alexandre teria mascarado tal desejo para deixar para a posterioridade a imagem de um líder, para quem não seria heroico declinar para a possibilidade da conquista (SHEPPARD, 2008, p.215).

que deveriam dizer, quando chegassem, aos seus amigos que retornaram deixando seu rei cercado de inimigos.

Após essa notícia, o rei retornou ao seus aposentos, mais uma vez, e permaneceu lá por dois dias (CÚRCIO, 9.3) sem aceitar ao menos a visita de seus generais, esperando, com isso, que os macedônios mudassem de ideia. Observando que sua reclusão não funcionaria, reuniu, então, seus companheiros mais velhos e os informou que também retornaria. Tal notícia fez os homens comemorarem e abençoarem Alexandre, pois o rei, afinal, havia cedido para seu exército.

O rei, então, dividiu o exército em doze seções e ordenou que fossem construídos grandes altares como agradecimento aos deuses que o levaram vitorioso a tão longe (ARRIANO, 5. 28). Antes de iniciar o longo retorno, ele anexou a região do Hífaso aos domínios de Poro, assegurando sua lealdade. Dessa forma, Alexandre e seu exército retornaram à Babilônia, onde antes de iniciar outra expedição Alexandre morreu em 323.

Ao longo de todo percurso até o Hífaso, Alexandre conviveu entre grandes sucessos militares e uma relação conturbada com o seu exército, o que acabou por contribuir na decisão de dar fim à expedição. O rei macedônio teve problemas, em particular, com seus experientes generais que viam com maus olhos a forma como Alexandre passou a se comportar, à medida em que avançavam no oriente. O discurso de Clito na noite de sua morte, em Macaranda, e a execução de Calístenes são indícios de como havia no seio do exército um ressentimento sobre Alexandre ir de encontro com as antigas tradições macedônicas. A decisão de voltar à Babilônia foi alvo de celebração por parte dos macedônios, no entanto havia um longo caminho de volta e o distanciamento entre macedônios e o rei ficaria ainda mais aparente.

## CAPÍTULO 2

### O EXÉRCITO MACEDÔNICO E OS *EPIGONOI*<sup>34</sup>

Para entender o porquê da insatisfação por parte do exército, diante das mudanças na figura de Alexandre, faz-se necessária a compreensão desses soldados. Para tanto, a análise da formação e estrutura do exército de Alexandre, assim como o seu papel dentro da sociedade macedônica são fundamentais. Ainda, será importante conhecer o porquê do recrutamento de jovens orientais para se unirem ao exército após o treinamento militar.

#### **2.1 Formação e estruturas do exército macedônico.**

O exército que Alexandre levou à Ásia para a conquista do Império persa mostrou-se muito competente durante toda a expedição, vencendo, por exemplo, todas as batalhas decisivas<sup>35</sup> contra o Grande Rei. No entanto, a formação desse exército não pode ser atribuída integralmente a Alexandre, mas deve ser compartilhada com seu pai, Filipe. Dessa maneira, Müller é enfática ao enunciar que as inovações militares implantadas por Filipe II, em seus anos de reinado, deram as bases para os futuros sucessos de Alexandre na Ásia (2010, p.183).

Segundo Green (2013, p. 15), entre essas inovações atribuídas a Filipe, pode-se citar, como exemplo, a maior cooperação entre cavalaria e infantaria, lição que o pai de Alexandre teria aprendido durante seu exílio em Tebas<sup>36</sup>. A eficiência de tal cooperação é exemplificada na tática militar empregada, por exemplo, nas vitórias em Queroneia, e no Granico (sob o comando de Filipe e Alexandre, respectivamente), com o avanço oblíquo da cavalaria, seguido pelo avanço da infantaria.

Outra novidade importante, atribuída a Filipe, foi o desenvolvimento da infantaria macedônica, os *pezhetaroi*. Sobre isso, Mossé conta que ao passo que a cavalaria sempre foi um ponto forte no exército dos macedônios, a infantaria nunca logrou tal prestígio. Todavia, com Filipe, a infantaria macedônica ganhou força e destacou-se, com o surgimento dos *perzhetaroi* (MOSSÉ, 2004, p.19). Green e Sekunda vão ao encontro das ideias de Mossé, mas apontam que, apesar, de Filipe, de fato, ter sido o responsável pelo desenvolvimento da

---

<sup>34</sup>Sucessores. Segundo Arriano (7.5), forma como Alexandre chamava os jovens iranianos recrutados por ele antes da partida para a Índia.

<sup>35</sup>As três batalhas decisivas que deram a vitória ao rei macedônio contra os persas foram: Granico; Isso; Gaugamela, respectivamente

<sup>36</sup>Filipe II, na idade de quinze anos, foi exilado na cidade de Tebas pelo usurpador macedônio, Ptolomeu. Em Tebas, Filipe teria vivido sob a tutela do tebano Pamenes, que, por ocasião, seria amigo íntimo do general Epaminondas. Assim, Green atribui grande influência do histórico general tebano na formação militar de Filipe, que voltou a Macedônia com a queda de Ptolomeu (2013, p. 15).

infantaria, o grupo dos *pezhetaitoi* foi, na realidade, criado, anos antes de Filipe, por Alexandre I (GREEN, 2013, p.18; SEKUNDA, 2010, p. 447).

À vista disso, sob o comando de Filipe e, posteriormente de Alexandre, os *pezhetairoi*, juntamente, com a cavalaria dos *hetairoi* formaram as duas estruturas principais do reformulado exército macedônico que conquistou a Grécia e, em seguida, a Ásia.

Para a expedição Asiática, Alexandre teria levado apenas um regimento macedônico de cavalaria: a cavalaria dos *hetairoi*. Segundo Green, esse grupo, *hetairoi* ou Companheiros, era formado por nobres macedônios, equivalentes a barões feudais, que a partir de uma relação de reciprocidade com o rei formavam um corpo de cavaleiros. Esses *hetairoi*, em tempos de guerra, faziam as vezes de generais e, em tempos de paz, constituíam o conselho macedônico (Green, 2013, p. 17). Segundo Sawada, esses Companheiros compunham a corte do rei, e além de estar ao lado dele em batalha, também, o acompanhavam nas caçadas e nos banquetes<sup>37</sup> (2010, p.392).

Para Sekunda, a instituição dos *hetairoi* estava intimamente ligada à instituição Aquemênida dos “amigos”. Isso pois, teria se formado pela influência persa na Macedônia, quando os macedônios lutaram ao lado dos Aquemênidas, no século quinto<sup>38</sup>. No entanto, o nome, *hetairoi*, teria sido emprestado do tirano Siciliano, Gelão, que, também, impunha tal distinção entre seus homens (SEKUNDA, 2010, p.447).

A cavalaria macedônica há muito já gozava de reconhecimento por sua eficiência no mundo grego. Tucídides, por exemplo, descreveu os macedônios como ótimos cavaleiros, que sequer precisariam do auxílio de uma infantaria (SEKUNDA, 2010, p. 448). No entanto, apesar do depoimento entusiasmado de Tucídides, Green enfatiza a necessidade de se diferenciar os cavaleiros macedônios dos cavaleiros medievais e, até mesmo, dos cavaleiros napoleônicos, que podem vir à mente, dado o senso comum, quando se trata de cavaleiros. Isso pois, a cavalaria macedônica era caracterizada pelo uso de cavalos pequenos, e tinham como principal arma uma pequena lança, chamada *xyston*<sup>39</sup>. Além disso, os cavaleiros macedônios não usavam escudos (característica do século quarto), que atrapalhariam no manejo do cavalo, e combatiam com couraças<sup>40</sup> (SEKUNDA, 2010, p. 469).

---

<sup>37</sup> Sawada identifica as caçadas e os banquetes como os eventos sociais mais importantes dentro da corte macedônica (SAWADA, 2010, p.392).

<sup>38</sup> Na virada do século sexto, a Macedônia recebia muita influência do Império persa. Os macedônios teriam lutado do lado persa durante a batalha de Plateia, por exemplo, em 479 (SEKUNDA, 2010, p.447).

<sup>39</sup> Lança curta, própria para combates face a face. (GREEN, 2013, p. 18).

<sup>40</sup> Sobre o uso das couraças, Plutarco relata que, certa vez, Alexandre foi alvejado por um dardo, que acertou o rei através de uma brecha dada por tal couraça usada, também, por ele (Alexandre, 16).

Em relação ao número de *hetairoi*, Sekunda diz que, durante o reinado de Filipe II (359 – 336), não apresentou um crescimento significativo, pois teria passado de seiscentos homens, em 359, para oitocentos no final de seu reinado. Apenas no fim da vida de Filipe e no reinado de Alexandre, observa-se um aumento substancial no número de cavaleiros. Esse número teria subido de oitocentos, para mil e oitocentos, apenas nos primeiros anos de Alexandre no poder (SEKUNDA, 2010, p.468). De fato, Alexandre sempre mostrou-se bastante preocupado com a condição de seus *hetairoi*, Plutarco relata que antes de partir para a Ásia, Alexandre teria doado uma porção de terra para cada Companheiro<sup>41</sup> (PLUTARCO, *Alexandre*, 15). No entanto, Sawada entende já durante todo o reinado de Filipe um processo de crescimento significativo da nobreza macedônica, com a inclusão de indivíduos da Alta Macedônia e vários gregos na corte (2010, p.404). De qualquer maneira, infere-se que, durante a expedição asiática, os Companheiros contavam com um corpo muito maior do que nos anos anteriores a Filipe e Alexandre, indicando um esforço da monarquia macedônica, nesse período, de fortalecimento da corte.

Contrastando com os cavaleiros, a infantaria macedônica, os *pezhetaroi*, nunca havia tido posição de destaque no histórico militar macedônico. Nessa direção, Green aponta que antes de Filipe, a infantaria era extremamente fraca. Para ele, tal fraqueza era reflexo de um estado feudal composto por pobres pastores e camponeses, como acontecia no império persa, que, por sua vez, também não contava com muita força em sua infantaria. Todavia, a partir de um crescimento econômico na Macedônia, o fortalecimento da infantaria foi possível, pois observou-se um aumento no número de proprietários rurais com melhores condições de vida (GREEN, 2013, p.18).

Os *pezhetairoi*, ainda segundo Green, surgiram com Alexandre I como contrapeso às pretensões dos barões da Alta Macedônia, mas, apenas, com Filipe, tornaram-se uma máquina de guerra. Sob sua direção, a falange macedônica passou a ser temida em todo mundo conhecido. Seus homens eram muito bem treinados e tinham como principal arma a *sarissa*, lança de longo alcance com cerca de quatro metros<sup>42</sup> (2013, p.18). Além disso, esses homens usavam túnicas, carregavam espadas e escudos do tipo hoplita, couraças e armadura para as pernas (SEKUNDA, 2010, p.458).

---

<sup>41</sup> Nesse momento, Perdicas teria perguntado a Alexandre com o que ficaria o rei, depois de ter doado tantas terras. Alexandre, então, teria respondido: “Com a esperança” (PLUTARCO, *Alexandre*, 15).

<sup>42</sup> Sheppard “aumenta” o tamanho da *sarissa* para cinco metros e meio, e alerta que após a morte de Alexandre as *sarissai* ficaram ainda maiores, com sete metros (2008, p.82).

Alexandre partiu para a Ásia com nove mil *pezhetairoi* divididos em seis *taxeis*<sup>43</sup>, cada uma referente a uma região diferente da Macedônia. Entre as *taxeis* de destaque, atribuíam-se o título de *astherairoi*<sup>44</sup>, a primeira a receber tal distinção foi a *taxis* comandada por Coenio, após o sítio de Tiro<sup>45</sup>.

Entre os *pezhetairoi* eram escolhidos alguns homens para constituir a guarda real, os chamados *hyspaspistai*. Para Sekunda, o termo “*hyspaspistes*” foi primeiro usado em Opis, em 324, antes tal regimento era chamado, apenas<sup>46</sup>, pelo nome de *argyraspides*<sup>47</sup>. O recrutamento dessa infantaria de elite não era feito por região e, sim, a partir daqueles que se destacavam em todo o exército, e seu comandante tinha o dever de carregar as armas do rei, como o escudo de troia. Os *hyspaspistai*, ou *argyraspides*, usavam armamentos mais leves que o resto da infantaria, pois portavam apenas um escudo hoplita, capacete e uma túnica, sem a couraça (SEKUNDA, 2010, p.455).

Sob essa organização, o exército macedônico teve condições de exercer sua soberania na Grécia e, em seguida, no oriente. A causa de tal organização e profissionalização militar, em um espaço curto de tempo, pode estar intimamente ligada a forma de governo macedônico. Isso porque, ao contrário do resto da Grécia, na Macedônia o rei tinha o poder mais concentrado em si mesmo. Nesse sentido, Green entende que o grande sucesso militar alcançado por Filipe, na Grécia, se deu graças a incapacidade democrática de seus adversários, que causava lentidão nas tomadas de decisão. Sekunda, também, entende que sob Alexandre e Filipe o poder mais concentrado nas mãos de um só indivíduo foi de grande vantagem para o desenvolvimento militar do reino. No entanto, alerta que bastou a súbita morte de Alexandre, sem um sucessor previamente indicado, para o caos ser instaurado em toda a estrutura e toda essa organização ruir.

---

<sup>43</sup> A menor unidade de infantaria era de dez homens (no reinado de Alexandre, esse número foi aumentado para dezesseis), *dekas*. O conjunto de dezesseis *dekas* constituía o *lochos* (256 homens). A *taxis* era composta por seis *lochoi* (1.536 homens) (Sheppard, 2008, p.79).

<sup>44</sup> Para Sekunda, o real significado de *astherairoi* é tema discutível na historiografia do tema. Ele, então, apresenta uma discussão historiográfica sobre o significado do termo. Dessa forma, para Griffith, por exemplo, *asthetairoi* seria um título usado para classificar os melhores companheiros, para ser aplicado apenas para certas *taxeis*. Para Bosworth, o termo, na verdade, seria reservado, apenas, para as *taxeis* da Alta Macedônia. Já para Heckel, o termo designaria as tropas que carregavam escudos decorados com estrelas (*aster-hetairoi*).

<sup>45</sup> Segundo Sekunda, após a *taxis* de Coenio, outras quatro *taxeis*, pelo menos, também teriam recebido tal titulação (2010, p.455).

<sup>46</sup> Sekunda sugere que após Opis, ambos os termos foram usados para identificar esse grupo de infantaria (2010, p.455).

<sup>47</sup> Para Sheppard (2008, p.85) os *hyspaspistai* e os *agyraspidai* eram duas estruturas distintas do exército. Os *agyraspides*, na verdade, teriam se originado a partir dos *hyspaspistai*. Sheppard atenta para uma possível confusão das fontes sobre os termos e aponta como principal diferença entre os dois grupos o escudo. O escudo dos *agyraspides* seria mais brilhante e maior.



## 2.2 Relevância política do exército dentro da sociedade macedônica.

A monarquia é a instituição política mais antiga do reino da Macedônia<sup>48</sup> e seu caráter autocrático é atestado por muitos historiadores. No entanto, a pouca informação sobre outras instituições que pudessem dividir com a monarquia o poder do reino abre discussão para uma possível forma de poder constitucionalista na Macedônia. Tal embate de ideias é fundamental para se compreender o papel do exército macedônico dentro dessa sociedade: o exército, afinal, interferia na sucessão do rei e participava das decisões, ou era mero espectador?

No intento de elucidar tais questões, King (2010, p.374) diz ser difícil considerar qualquer outra instituição, além da monarquia, antes de Filipe, pela falta de referências. Entretanto, a partir de análises do reinado de Filipe e Alexandre, King enxerga duas correntes historiográficas que se opõe sobre a participação de outras instâncias da sociedade nas decisões do reino.

Primeiro, King apresenta a corrente autocrática, que compreende a monarquia macedônica como soberana no campo das decisões. Sekunda corrobora essa corrente, na medida em que entende que a monarquia governava com total autoridade, e assembleias eram apenas convocadas para se aprovar os planos do rei e condenar seus inimigos (SEKUNDA, p.470). Sawada (2010, p.396) vai na mesma direção, afirmando não haver indícios para se comprovar sequer a existências de tais assembleias. O local onde as discussões junto com o exército aconteceriam, não ocorreriam em assembleias formais, mas, sim, nas *symposia*<sup>49</sup>. Tal análise revela um caráter informal da participação do exército nas decisões do rei. Isso sugeriria a não existência de costumes que normatizassem o exército como instituição que dividisse a responsabilidade das decisões com o rei macedônio.

Para Sawada, ainda, apesar do rei discutir com os seus Companheiros assuntos estratégicos nas *symposia*, por exemplo, ele não tinha nenhuma obrigação, pelos costumes macedônicos, de acatar os conselhos oferecidos. Um exemplo disso está nos relatos de Arriano (3.9) e Plutarco (*Alexandre*, 31), quando Alexandre teria negado o conselho de Parmênio de surpreender o exército persa na noite anterior à batalha de Gaugamela. Alexandre, sozinho, teria tomado tal decisão, pois gostaria de obter uma vitória limpa e, também, por que entendia que de noite seu exército poderia levar desvantagem pela falta de costume. O rei, nesse episódio, mostrou-se estar aberto ao conselho de seu Companheiro

---

<sup>48</sup>King atesta que a monarquia continuou sendo, após Alexandre, o coração político macedônico até o domínio romano em 167 a.C. (2010, p. 373).

<sup>49</sup>Os banquetes realizados na corte de Alexandre foram caracterizados pela sua grandiosidade, diferentemente dos tradicionais banquetes gregos (SAWADA, 2010, p.395).

(conselho dado informalmente, sem um caráter legal). No entanto, a partir de suas próprias convicções e sem consultar mais ninguém, Alexandre decidiu repudiar o conselho do general.

King se posiciona a favor dessa corrente autocrática no tocante à sucessão do rei macedônio. Para ela, o exército não teve nenhum poder de decisão na sucessão de Filipe, por exemplo. Alexandre teria, na verdade, convocado uma assembleia apenas para acalmar os ânimos do exército, após a morte de seu pai. Dessa forma, atesta que Alexandre, como filho primogênito de Filipe, já estava na posição de rei, antes mesmo de convocar a tal assembleia, que, na prática, não teve poder nenhum de escolha. A partir desse exemplo, King ratifica que todas as assembleias, na realidade, tinham apenas o propósito de encorajar o exército a seguir as escolhas do rei, através de discursos persuasivos.

Por outro lado, King (2010, p.384) apresenta a chamada corrente constitucionalista, que entende que, antes e depois de Filipe II, havia costumes na Macedônia que garantiriam direitos a certos grupos sociais. Aliando-se a essa visão, Mossé (2004, p. 53) enxerga um *nomos* macedônico, com uma forte participação do exército, que permitia que a qualquer momento o poder da monarquia fosse questionado. Segundo Tarn e Griffith<sup>50</sup> (1952, p. 32), o exército, por exemplo, teria o direito de escolher o futuro rei, assim como, arbitrar em casos de traição conta ele. Corroborando essa ideia, Goukowsky definiu que a monarquia macedônica era:

“Uma delegação de soberania concedida a um chefe julgado eficaz, reconduzida por aclamação, revogável, divisível suscetível de ser transferida a outros membros da família real por uma assembleia que se mantinha depositária da soberania.”  
(GOUKOWSKY, apud MOSSÉ, 2004, p.53).

Nessa perspectiva, pode-se pressupor a existência de instituições, além da monarquia, que participavam, junto com o rei, das tomadas de decisão. Green, apesar de entender o governo macedônico como um sistema bastante centralizado na figura do rei, reconhece a existência de assembleias dos *hetairoi*, que votavam para a sucessão do rei e que podiam, eventualmente, depô-lo. Ainda, sobre a sucessão do rei macedônio, Mossé (2004, p.53) coloca em dúvida a existência de uma assembleia popular para decidir a sucessão. Contudo, concorda com Green, considerando uma suposição muito provável uma participação decisiva do exército para a sucessão de Filipe, por exemplo. Uma evidência disso seria o fato de que logo

---

<sup>50</sup>Apesar de atribuir tais funções ao exército, Tarn e Griffith entendem que o poder do rei era inquestionável a partir do momento em que ele era feito rei. Logo, toda a política do reino era decidida por ele, podendo, apenas, ser mudada através de motins (TARN; GRIFFITH, 1952, p. 47).

depois de ter assumido o trono, Alexandre, de imediato, ter iniciado investidas para garantir as fronteiras setentrionais. Isso revelaria uma pronta adesão do exército, o que seria uma consequência do fato desse exército o ter feito rei.

Entre essas duas perspectivas, autocrática e constitucionalista, Walbank assinala para uma outra alternativa. Para ele, a monarquia macedônica sempre teve seu poder limitado por outras instâncias da sociedade, como o exército. No entanto, Walbank entende que o reinado de Alexandre se caracterizou pela peculiaridade de ter passado a apresentar, durante a expedição asiática, um crescente caráter autocrático<sup>51</sup>. Dessa maneira, a monarquia macedônica, para ele, teria, sim, uma tradição constitucionalista, no entanto, teria perdido esse caráter, a partir de medidas mais autocráticas do rei, como a execução de Calístenes (WALLBANK, 1992, p.38). Aliando-se a essa proposta, Strootman (1968, p.95) entende que esse movimento de fortalecimento do poder autocrático tenha se iniciado já no reinado de Filipe. Para ele, a partir do momento em que Filipe passou a recrutar homens comuns para a infantaria, o rei fortaleceu seu poder, diante da nobreza macedônica, visto que esses novos soldados respondiam a Filipe e a ninguém mais. Dessa forma, Filipe teria concentrado mais o poder em si, equilibrando o poder entre cavalaria, *hetairoi*, e infantaria, realza.

A partir dessas análises, infere-se, primeiro, que tanto na corrente constitucionalista, quanto na corrente autocrática há a tendência de afirmar que o exército, mesmo que informalmente, se manifestava (com fez Parmênio, em Gaugamela). Assim sendo, independentemente da existência de instituições formais, reguladores da monarquia, parece ser palpável pensar que tradicionalmente o exército macedônico exercia sim uma influência significativa na política do reino, mesmo que de forma não normatizada, mas pelo costume.

Entretanto, ao longo da expedição asiática, observa-se em tensões entre Alexandre e o seu exército medidas mais autocráticas tomadas pelo rei, como o assassinio de Clito, após o general ir de encontro com Alexandre em razão de seus novos hábitos. Além do mais, o forte caráter centralizador das subseqüentes monarquias helenísticas, que tinham como uma de suas principais características a tentativa de imitar a corte Argeada, mas, principalmente, Alexandre reforça a tese de seu reinado ter apresentado uma forma mais autocrática de governar que a usual (STROOTMAN, 1968, p.94). Portanto, apesar das dificuldades com as fontes, parece verossímil a explicação de Walbank, de que o reinado de Alexandre é caracterizado por uma centralização do poder nas mãos da monarquia, apesar de uma tradição constitucionalista.

---

<sup>51</sup>Walbank destaca que essa característica mais autocrática de Alexandre é uma das marcas fundamentais dos reis helenísticos subseqüentes (WALLBANK, 1992, p.38).

### 2.3 Recrutamento dos *epigonoí* (ἐπιγόνοι) ao exército macedônico.

Em meados da expedição asiática, Alexandre recrutou e iniciou o treinamento militar de jovens orientais. Tal ação, como se pode supor, causou estranhamento por parte dos macedônios, que enxergavam a política de incorporação de orientais ao exército (assim como seu casamento com Roxana, e o uso de vestimentas persas, por exemplo) como ações de distanciamento da cultura macedônica. Para adentrar nas análises sobre os desdobramentos dessa ação, se faz necessário entender melhor quem eram esses jovens persas, e para que propósitos foram recrutados por Alexandre.

Durante a campanha à Índia, Alexandre, por necessidade de contingente, já contava com o apoio de cavaleiros persas, recrutados na Sogdiana e na Bactriana, que atuavam como tropas auxiliares, portanto, não integradas ao exército (MOSSÉ, 2004, p. 76; BRIANT, 2010, p. 92). No entanto, Quinto Cúrcio (8.5) nos informa que pouco antes da partida para Índia, Alexandre já teria selecionado cerca de trinta mil jovens estrangeiros, que seriam treinados para combater à maneira macedônica, e, em seguida, integrados ao exército<sup>52</sup>.

Em Quinto Cúrcio, esses jovens teriam uma dupla função: reféns, para controlar possíveis revoltas nas províncias recém conquistadas; soldados, para aumentar o poderio militar macedônico. Para Plutarco, o recrutamento desses jovens fazia parte de um processo de aproximação, orquestrado por Alexandre, entre macedônios e estrangeiros, que tinha como propósito consolidar o domínio macedônico no oriente (*Alexandre*, 47). Já para Diodoro (17.108), Alexandre objetivava usar os jovens iranianos como contrapeso em relação aos, cada vez mais distantes, contingentes macedônicos. Tal análise, de Diodoro, demonstra já uma preocupação de Alexandre em relação a possíveis problemas com o seu exército, dado que buscava com a chegada dos jovens estrangeiros uma maior independência dos macedônios.

A partir da análise das fontes, a causa do recrutamento e treinamento desses jovens é vista sob diferentes perspectivas na historiografia. Mossé é enfática quando diz que o objetivo de tal ação não passava por uma integração entre macedônios e orientais em nome de uma causa universalista, mas, apenas, compensar a falta de soldados<sup>53</sup> (MOSSÉ, 2004, p.78). Green vai na mesma direção de Mossé ao relatar que os jovens estrangeiros foram treinados para

---

<sup>52</sup>Briant (2010, p.93) e Green (2013, p.371), explicam que esses jovens foram selecionados cuidadosamente entre as melhores famílias sob os critérios rigorosos de força física e inteligência e, ainda, teriam sido ensinados a língua grega, durante o treinamento militar.

<sup>53</sup>Para Mossé tal atitude ia de encontro com o *nomos* macedônico. No entanto, depois de tantas conquistas e de se tornar um deus, Alexandre não estaria mais preocupado com esse tipo de legitimidade (2004, p. 77).

fortalecer o exército macedônico, debilitado pela expedição. No entanto, Green vai além e menciona um segundo objetivo, a médio prazo: substituir a velha guarda macedônica pelos, como o próprio Alexandre teria chamado, “Sucessores” (GREEN, 2013, p.371). Briant vai ao encontro dessa ideia ao dizer que o treinamento de estrangeiros visava, em um futuro próximo, o estabelecimento de um exército composto tanto por macedônios, quanto por orientais, e com estruturas aquemênida (BRIANT, 2010, p.92).

Apesar desse recrutamento ter acontecido antes da partida para a Índia, seu maior impacto só foi, de fato, sentido anos depois, 324 a.C., quando esses jovens chegaram para compor o exército. Nesse momento, a chegada dos *epigoni* foi de grande importância para a precipitação da querela entre o exército e Alexandre, precedendo o anúncio da dispensa de alguns macedônios.

## CAPÍTULO 3

### A QUERELA DE 324 A.C.

Para Mossé (2004, p.56), o ano de 324 a.C. é marcado pela crise mais grave na trajetória de Alexandre com seu exército, após problemas mal resolvidos com o exército durante toda a expedição, gerados, direta ou indiretamente, pela deificação e orientalização do rei. Nesse ano, as chamadas “Bodas de Susa” e a chegada dos jovens iranianos intensificaram a insatisfação dos macedônios, criando um ambiente favorável para a indisciplina. Dessa forma, após o anúncio da dispensa de alguns veteranos, “incapacitados” para a guerra, os macedônios tentaram, mais uma vez, a tática empregada no Hífaso, confrontar o rei e fazê-lo mudar de ideia. No entanto, as condições desse evento se mostram bem diferente do contexto de anos antes.

#### **3.1 As “Bodas de Susa”, a chegada dos *epigonoi* e o pagamento dos débitos.**

Na primavera de 324 a.C., Alexandre retornou à cidade de Susa, uma das antigas capitais do Império persa. Lá, ocorreram três momentos fundamentais para o entendimento da indisciplina subsequente: o primeiro episódio, as “Bodas de Susa”, é importante por evidenciar o processo de orientalização de Alexandre, a partir de seu desejo de unir as elites macedônicas e orientais; em seguida, a chegada dos jovens *epigonoi*, foi fundamental para a eclosão da querela, visto que além de deflagrar, mais uma vez, a orientalização do rei, foi recebida com desconfiança pelos soldados, pois ameaçava seus postos no exército macedônico; o terceiro momento, o pagamento dos débitos, evidencia a preparação de Alexandre para a dispensa dos macedônios, já prevendo uma possível insubordinação, o que de fato aconteceu.

Alexandre organizou as chamadas “Bodas de Susa”, que segundo Lane Fox (2004, p. 856) foram de longe a festividade mais marcante, organizada pelo rei macedônio. Alexandre arranhou uma série de casamentos, aos moldes persas<sup>54</sup>, entre princesas orientais e nobres macedônios<sup>55</sup> (ARRIANO, 7.4). Plutarco e Diodoro relatam que Alexandre ofereceu aos seus mais nobres amigos, as mais nobres persas em um festejo com cerca de nove mil convidados.

---

<sup>54</sup>Segundo os costumes persas, os noivos sentavam em cadeiras, e, então, após um brinde, as noivas entravam, pegavam seus noivos pelas mãos e os beijavam (ARRIANO 7.4).

<sup>55</sup>Durante as “Bodas de Susa”, Alexandre se casou com a filha mais velha de Dario e, também, com uma filha de Artaxerxes III (ARRIANO, 7.4). Alexandre já havia se casado, anos antes, com a filha de Oxyartes, Roxana.

Para se ter a dimensão da grandiosidade dessa celebração, durante a festa, a todos foram oferecidos uma taça de ouro para libações (*Alexandre*, 70; Diodoro, 17.107).

Dado os relatos das fontes, pode-se notar a importância desses casamentos, visto a sua suntuosidade e os envolvidos, integrantes da alta nobreza, tanto macedônica, quanto iraniana. Dessa maneira, supõe-se um forte interesse de Alexandre em unir, definitivamente, a nobreza macedônica com a nobreza persa. Uma justificativa plausível para tal interesse é encontrada em Plutarco, que relata que essa aproximação era vista como necessária por Alexandre, na medida em que seria o melhor caminho para a harmonia e a consolidação do novo império (*Alexandre*, 47).

Na historiografia, Briant segue Plutarco sobre a vontade de Alexandre em se aproximar da cultura persa. Dessa forma, enxerga a política dos casamentos por uma dupla necessidade do rei. Primeiro, continuar com o processo de aproximação das elites iranianas, empregado desde o início da campanha asiática. E em segundo, simultaneamente, buscar a aceitação dos macedônios em relação a esse processo de aproximação (BRIANT, 2010, p.103). Lane Fox também vai ao encontro dessa ideia, afirmando que esses casamentos tiveram o mesmo propósito dos casamentos entre nobres persas e babilônios, anos antes, o bem do império (2004, p.859). No entanto, apesar dos esforços de Alexandre, percebe-se uma dissonância nas visões do exército macedônico, que via com maus olhos essa aproximação do rei da cultura oriental<sup>56</sup>, e a visão do rei, que entendia que a aproximação seria o melhor a se fazer para a consolidação do novo império.

O segundo momento estremeceu, ainda mais, a relação do rei com o seu exército. Alexandre recebeu os trinta mil iranianos que haviam sido recrutados antes da investida à Índia, e que foram, durante esse período, treinados à maneira macedônica.

Sobre a chegada dos jovens iranianos, Diodoro (17.108) relata que estavam esplendidamente equipados com trajes macedônicos e que acamparam nos limites da cidade, onde realizaram demonstrações de habilidade com suas armas ao rei Alexandre. Pode-se supor que esses jovens, treinados e equipados como macedônios, estariam preparados para, inclusive, substituir os próprios macedônios, uma vez que foram treinados para lutar exatamente como eles. Tal possibilidade, segundo Arriano (7.6), foi vislumbrado pelo exército, que entendeu a chegada dos iranianos como um esforço de Alexandre em diminuir sua dependência deles. Além disso, também é interessante pensar, como mostra Walbank (1992, p.37), que a lealdade dessas novas tropas estava ligada a Alexandre e não ao povo da

---

<sup>56</sup>Arriano (7.6) afirma que muitos macedônios e iranianas casaram à contra gosto.

Macedônia. Dessa forma, as tropas iranianas além de ameaçarem substituir as tropas macedônicas, também se mantinham distantes, uma vez que não estavam ali pelos mesmos propósitos que os macedônios.

Em seguida, pouco após a celebrações dos casamentos conjuntos, e da chegada dos jovens orientais, Alexandre resolveu pagar todos os débitos do seu exército. Esse evento é interessante, pois demonstra já uma preparação de Alexandre para a dispensa de alguns soldados, uma vez que tinha como objetivo suavizar as consequências de tal decisão, que, como podia se esperar, poderia causar grandes problemas.

Arriano conta que Alexandre mandou todos os soldados registrarem seus débitos, para que, assim, recebessem dele e pagassem as suas dívidas<sup>57</sup>. No entanto, curiosamente, os macedônios ficaram receosos com essa repentina bondade do rei. Por essa razão, apenas alguns registraram seus nomes, junto com seus débitos. Alexandre ficou sabendo da pouca adesão dos macedônios e os repreendeu por não confiarem em seu próprio rei<sup>58</sup>. Entretanto, observando que a situação não mudaria, o rei aceitou pagar os débitos dos soldados sem que eles tivessem que registrar seus nomes. Feito isso, Arriano relata que os homens teriam ficado mais felizes com o fato de que não teriam que revelar seus nomes, do que, propriamente, ter condições de pagar suas dívidas (ARRIANO, 7.5).

Sobre a situação econômica do exército, Quinto Cúrcio diz que apesar da conquista de grandes cidades, o exército macedônico teria chegado ao final da expedição com mais vitórias do que botins. Todavia, contrariando essa afirmação de que os soldados não estariam em uma boa situação financeira, encontramos em Arriano que os homens teriam ficado mais felizes em poder omitir seus nomes, do que poder pagar suas dívidas. Nesse sentido, para Roisman, a informação de Arriano seria um indicativo de que, na verdade, os macedônios não estariam tão insatisfeitos com sua condição financeira, como relata Quinto Cúrcio. Na realidade, sustentando essa tese, o que pode-se destacar é que nunca, durante toda a expedição, as tropas se mostraram insatisfeitas com uma possível dificuldade econômica (ROISMAN, 2012, p.43), mas sim com diversas atitudes do rei.

Logo, a real motivação para o pagamento dos débitos não está no endividamento dos soldados. Assim sendo, Justino relata que o pagamento dos débitos teria, na realidade, a

---

<sup>57</sup>Enquanto Quinto Cúrcio relata que Alexandre teria concedido cerca de dez mil talentos, dos quais teriam sobrado apenas cento e trinta, para o pagamento dos débitos. Arriano descreve uma quantia muito maior, vinte mil talentos, disponibilizados pelo rei. Tal informação indica uma visão mais favorável de Arriano em relação ao rei, em comparação à visão de Quinto Cúrcio, devido à grande quantia, encontrada em seu relato, disponibilizada por Alexandre para sanar as dívidas dos soldados.

<sup>58</sup>Arriano relata que Alexandre, nesse momento, teria dito que um rei deve sempre falar a verdade, e tudo que o rei disser deve sempre ser interpretado como verdade (ARRIANO, 7.4).



função pragmática de evitar, por exemplo, separar credores e devedores após a dispensa. Dessa forma, com o pagamento das dívidas, Alexandre pretendia deixar todos satisfeitos, e em boas condições para voltar felizes para casa, ou permanecer com o exército, se esse fosse o caso (ROISMAN, 2012, p.41). Portanto, percebe-se o esforço de Alexandre, já certo de que iria dispensar alguns veteranos, em criar um ambiente favorável, prevendo algum problema advindo da dispensa.

### **3.2 A dispensa dos incapacitados e a revolta do exército.**

A indisciplina deflagrada após o anúncio da dispensa de alguns veteranos não é enunciada na presente pesquisa como um motim (como é usualmente usado para descrever esse episódio), por isso da supressão de tal terminologia para caracterizar o evento ao longo do trabalho. A causa disso está no fato desse conceito trazer à mente aspectos que não estão presentes na vida militar macedônica, tais como: obediência militar absoluta; separação de direitos e comportamentos entre cidadão macedônio e soldado macedônio. O conceito do termo motim, segundo Carney, é um fenômeno moderno, que coincide com o desenvolvimento dos estados modernos nacionais e o ideal de separação do campo político e militar. Dessa forma, seu uso acarretaria em anacronismo na medida em que assume estruturas e valores não existentes no recorte histórico estudado. A querela a ser descrita é um ato de indisciplina, mas não no sentido atual, militar, na qual divergir de um indivíduo hierarquicamente superior significa, necessariamente, um motim (CARNEY, 1996, p.20).

Segundo Arriano (7.12), após os pagamentos dos débitos, Alexandre e seu exército partiram de Susa e se dirigiram para a cidade de Opis. Lá, Alexandre anunciou aos seus comandados que iria dispensar do exército e mandar para casa homens incapacitados, fosse pela idade, ou por desgaste psicológico. Alexandre, ainda, teria prometido aos que ficassem fortunas que os fariam alvo de inveja quando retornassem.

Para Arriano, Alexandre não tomou esse decisão por algum motivo digno de nota, a não ser agradar os macedônios. No entanto, a informação da dispensa foi recebida de forma negativa pelo exército, que entendia que Alexandre os considerava inúteis para as futuras batalhas. Dessa forma, Arriano é enfático ao relatar que após tantos motivos para insatisfação, como a adoção de vestimentas persas e a chegada dos *epigonoí*, o anúncio da dispensa serviu de fagulha para a desobediência dos soldados.

Como consequência, os soldados teriam se irritado e intimado Alexandre a dispensar todos os macedônios e, ainda, teriam zombado do rei ao enunciarem que Alexandre deveria

continuar a expedição com seu pai, Amon. Tendo ouvido essas reclamações, Alexandre teria, ele mesmo, adentrado na multidão de soldados e apontado para a guarda real, um por um, àqueles mais exaltados, para que fossem presos. Alexandre mandou prender treze indivíduos e, ali mesmo, os teria sentenciado à morte.

Em seguida, Alexandre discursou. Em seu pronunciamento, o rei macedônio iniciou falando dos feitos de seu pai, responsável por tirar os macedônios da condição de simples fazendeiros, e levá-los à condição de guerreiros capazes de derrotarem seus incômodos vizinhos. Mais adiante, segundo Arriano, Alexandre teria começado a falar de si, salientando que apesar da grande importância de Filipe, os feitos do pai não chegaram perto dos grandes sucessos do filho. Alexandre, ainda, teria complementado dizendo que não tomou nenhuma riqueza para si mesmo, e que, dessa forma, as grandes cidades conquistadas seriam dos macedônios. Logo, sua intenção teria sido apenas a melhor ao dispensar os incapacitados para a guerra, visto que esses retornariam à Macedônia como alvo de inveja dos que lá estavam.

Depois, Alexandre teria se recolhido aos seus aposentos, assim como fez no Hífaso, em 326 a.C., não permitindo sequer a visita dos Companheiros. Esta extensão aos Companheiros demonstra que não apenas os soldados mais comuns mostraram-se insatisfeitos e irritaram o rei, mas também os indivíduos hierarquicamente superiores e mais próximos a Alexandre. Isso denota uma insatisfação geral na fileiras do exército macedônico, após o anúncio da dispensa.

No terceiro dia de reclusão, o rei teria, ainda, restringido o direito de beijá-lo a apenas alguns persas e teria dividido o comando dos batalhões entre esses estrangeiros. Como consequência, Arriano relata que os soldados, ao ficarem sabendo dessas notícias, não teriam conseguido se conter, e logo teriam largado suas armas em direção aos aposentos de Alexandre. Lá, esses homens teriam suplicado o perdão do rei, afirmando que apenas sairiam quando Alexandre fosse falar com eles.

Sobre o recuo dos macedônios, Roisman (2012, p.54) entende que diferentemente da revolta, anos antes, no Hifáso, quando Alexandre também ficou recluso, mas dependia de seus soldados macedônios para continuar com a expedição. Dessa vez, Alexandre gozava de maior independência, visto que os jovens iranianos já estavam aptos a lutar. Isso deixou o exército com medo diante da perspectiva de ser abandonado pelo rei<sup>59</sup>, e substituído pelos persas.

---

<sup>59</sup>Apesar de mostrar aos macedônios, que poderia continuar sem eles, Alexandre teria a consciência de que, ainda, a melhor parte do seu exército era macedônica. Dessa forma, o rei, na prática, não poderia abrir mão desses soldados (ROISMAN, 2012, p.54).

Agora, ao contrário do ocorrido no Hífaso, o blefe de Alexandre teve êxito, e o rei parecia ter o controle nas mãos.

Dando prosseguimento ao relato, Arriano diz que ao ficar sabendo dessa reviravolta, Alexandre teria saído, imediatamente, de seus aposentos e ouvido um homem chamado Calines, que teria dito que o que entristecia os macedônios seria o fato de o rei ter dado tantos privilégios aos persas. Alexandre, em resposta, teria dito que daria, novamente, aos macedônios o direito de beijá-lo. Assim, o rei e o seu exército se uniram para um banquete, no qual foi comemorado o fim da querela. Durante o festejo, Alexandre teria dito que tanto macedônios quanto persas deveriam aproveitar a harmonia entre si como membros de um mesmo império. Dessa forma, segundo Arriano, o rei Alexandre e seu exército teriam feito as pazes e, em seguida, como fora antes planejado por Alexandre, cerca de dez mil homens foram dispensados<sup>60</sup>, com ricos presentes, e liderados por Cratero<sup>61</sup> de volta à Macedônia.

Ao analisar outras fontes sobre o evento da revolta pela dispensa, encontram-se algumas semelhanças e divergências em comparação ao relato de Arriano. Plutarco, por exemplo, concorda com Arriano sobre a vinda dos jovens iranianos ter sido de fundamental importância para a eclosão da revolta após a dispensa. Plutarco relata que os macedônios teriam declarado ser um absurdo e uma humilhação o fato de Alexandre os ter usado durante todos os anos de expedição e, naquele momento, os ter substituído. Os soldados teriam zombado de Alexandre, dizendo que, agora, o rei não precisaria mais deles, na medida em que contava com jovens dançarinos de pírricas, se referindo aos soldados iranianos.

Diodoro (17.109) também confirma a vinda dos jovens soldados estrangeiros aliada a dispensa como fatores decisivos para a revolta. No entanto, discorda em alguns aspectos do relato de Arriano. Em primeiro lugar, Diodoro relata que Alexandre não teria feito as pazes com os soldados, mas agido de forma violenta, mandando executar os principais responsáveis pela indisciplina. Em segundo lugar, Diodoro vai de encontro com Arriano no tocante ao local da revolta. Para ele, a dispensa e a querela se deram, ainda, em Susa, e não em Opis, como atesta Arriano. A partir de tal contradição, Mossé especula a possibilidade de ter havido mais

---

<sup>60</sup>Segundo Arriano (7.11), aos dispensados, Alexandre concedeu generosas gratificações. Cada homem, por exemplo, recebeu, além da quantia referente aos serviços já prestados, o valor das despesas para o retorno aos respectivos lares. Aos que tiveram filhos com orientais, Alexandre prometeu ficar e cuidar das crianças, que seriam educadas à maneira macedônica, e receberiam treinamento militar. Sobre essa guarda dos filhos entre orientais e macedônios, Green observa que já seria um indicio da preparação de Alexandre para futuras campanhas, o que reforça sua sede por conquistas. Aristóbulo relatou tal desejo por novas conquistas, descrevendo os futuros planos do rei de conquistar tudo o que fosse possível ao Oeste (Green, 2013, p.458).

<sup>61</sup>Chegando à Macedônia, Cratero ficaria no comando do reino, além da Trácia, Tessália e da Grécia, substituindo Antípatro, que viria ao encontro de Alexandre trazendo reforços (Arriano, 7.12).

de uma querela, dessa mesma natureza, nesse período (2004, p.58). Contudo, apesar de aparecerem em cidades diferentes, os dois relatos parecem descrever o mesmo evento, dado que compartilham muitas semelhanças, inclusive, a questão central: a dispensa dos incapacitados.

Em Justino (12.11.5), destaca-se o fato de que os soldados teriam discordado dos critérios usados pelo rei para a dispensa. Dessa forma, teriam exigido que fossem dispensados pelos anos de serviço, e não, como haveria sido proposto, pela idade. Além disso, nessa versão, a indisciplina dos soldados é fortemente marcada pela insatisfação do exército em relação a divinização de Alexandre.

Já no relato de Quinto Cúrcio (10.3), o exército temia, após o anúncio da dispensa, que Alexandre decidisse estabelecer um núcleo permanente na Ásia. Além do mais, é interessante destacar um discurso de Alexandre dirigido aos soldados persas, no momento da reclusão do rei. Nesse pronunciamento, Alexandre exalta as tropas persas, dizendo que eles teriam as mesmas armas e os mesmos equipamentos dos macedônios, mas que, no entanto, em relação a disciplina seriam muito superiores. Nesse discurso, Alexandre, ainda, justifica seus casamentos, e de seus companheiros, com mulheres persas pela tentativa de eliminar as diferenças entre derrotados e vencedores, visto a grande lealdade dos persas.

Esse discurso, aliado ao relato de Arriano sobre o fim da revolta (quando Alexandre teria celebrado a união entre macedônios e persas) embasa a informação encontrada em Plutarco de que Alexandre, de fato, tinha a ambição de unir macedônios e orientais para a consolidação do império. Logo, infere-se que Alexandre tinha o desejo de orientalizar não somente a sua figura, com a adoção de parte da indumentária persa, como também realizar o mesmo processo com os macedônios, que não enxergavam essa tentativa com os melhores olhos. Arriano (7.6), por exemplo, relata que muitos macedônios casaram-se à contra gosto durante as “Bodas de Susa”.

A partir disso, tem-se elementos para se esboçar os motivos pra a revolta dos soldados, após o anúncio da dispensa. Assim, observando os relatos das fontes, parece claro que a proximidade temporal entre a dispensa de alguns macedônios e a chegada dos jovens *Epigonoí* foi decisiva para a insubordinação do exército, na medida em que a sua possível substituição pelos estrangeiros preocupava os macedônios. Tal preocupação pode ser evidenciada no seu deboche em relação aos jovens persas, desmerecendo os orientais ao chamá-los de jovens dançarinos de pirricas, e no rápido recuo dos macedônios após Alexandre aparentar estar disposto a não se reconciliar com os seus compatriotas, quando, por exemplo, restringiu o direito de beijá-lo apenas aos orientais. Dessa forma, a chegada dos

*epigonoí* deve ser vista como intimamente ligada a eclosão da revolta após o anúncio da dispensa, dado que, aos olhos do exército, essas duas ações pareciam ter sido articuladas por Alexandre, com o objetivo de substituí-los.

Esse receio de ser substituído a partir da chegada das tropas estrangeiras e da dispensa de alguns veteranos esta, por sua vez, justificado pelo distanciamento causado pela forte aproximação do rei da cultura oriental ao longo de toda expedição. Isso porque, segundo Carney, a disciplina militar macedônica estava profundamente ligada a figura do líder<sup>62</sup>, que mantinha com seus comandados uma postura mais paternalista. Dessa forma, a disciplina do exército macedônico dependia, em grande parte, da manutenção de uma boa e próxima relação entre Alexandre e os seus soldados. No entanto, o afastamento entre o rei e os antigos costumes macedônicos ocasionado pela orientalização de Alexandre (casamento com Roxana, casamentos conjuntos, uso de vestimentas persas, tentativa de implantação da genuflexão, desejo de integrar a nobreza persa e macedônica...), possibilitou, gradativamente, a indisciplina do exército, observada após a dispensa dos incapacitados (CARNEY, 1996, p.30).

Além da aproximação da cultura oriental, pode-se destacar, ainda, outro fator que gerou distanciamento entre Alexandre e os macedônios e, por conseguinte, contribuiu para a indisciplina em 324 a.C.. A deificação de Alexandre atestada em sua passagem pelo Egito, causou descontentamento, que pode ser exemplificado em vários momentos da expedição. Pode-se citar, como exemplos: o discurso de Clito em Macaranda, quando o general acusou Alexandre de negar seu pai, Filipe, assumindo como pai, Amon; o episódio da *proskynesis*, com a resistência de Calistenes, em se ajoelhar diante do rei, visto que tal gesto apenas poderia ser praticado diante de uma figura divina; durante a revolta pela dispensa, no relato Arriano e, especialmente, no de Justino, observa-se a forma como os revoltosos zombaram da ascendência divina de Alexandre, dado que não aceitavam tal status divino do rei.

Dessa maneira, pode-se localizar a aproximação da cultura oriental, e a divinização de Alexandre, como os dois principais fatores de distanciamento entre o rei e o seu exército, e, por consequência, da indisciplina deflagrada após a dispensa. Portanto, a revolta, de Opis (ou Susa, como sugere Diodoro), não deve ser encarada como um evento isolado, dado que faz parte de um longo processo de desgaste e distanciamento que se estendeu durante toda a expedição. Assim, após anos de conquistas e tensões, o anúncio da dispensa, vislumbrado pelo exército como indicio da sua substituição, foi a gota d'água para a precipitação da crise entre Alexandre e os macedônios.

---

<sup>62</sup>Carney entende a monarquia macedônica com um caráter bastante pessoal a partir dos reinados de Filipe e Alexandre (CARNEY, 1996, p.28).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a expedição asiática, Alexandre conquistou muito mais do que qualquer outro rei macedônio com exceção, talvez, de seu pai, Filipe antes dele. Assim, ao se tornar senhor de um império muito além da Macedônia, Alexandre percebeu, e com razão, que não poderia mais governar apenas para os seus compatriotas. Ele precisava ser mais que “Alexandre da Macedônia”, devendo se tornar “o rei Alexandre”. Para tanto, a ascendência divina, buscada por diversos momentos ao longo de sua vida, em especial na visita ao oráculo de Amon, parece ter um papel fundamental para sua legitimação, afinal, um território tão vasto apenas poderia ser governado por uma figura incrível, como a de um deus. Além disso, Alexandre sentiu a necessidade de absorver, além de soldados, certos hábitos e vestimentas estrangeiras, dado que o rei também deveria buscar legitimação em seus novos súditos. Contudo, para os macedônios, Alexandre continuou a ser o seu rei, como de fato era, mas não somente. Dessa forma, ao contradizer velhas tradições macedônicas, como no casamento com orientais e na tentativa de impor costumes estranhos entre os macedônios, como a genuflexão (προσκύνησις), o rei se distanciou de seus comandados, possibilitando a indisciplina. Como consequência desse processo, Alexandre conviveu com conquistas e uma relação tumultuada com o seu exército, a querela após a dispensa de alguns veteranos, em 324 a.C., é um exemplo disso. Ainda que Alexandre tenha dispensado os incapacitados com a mais boa vontade, como afirma Arriano, o distanciamento entre o rei e os macedônios àquela altura só os levava a crer que eles foram usados e dispensados.

No entanto, apesar do descontentamento dos macedônios, Alexandre, ao fim da campanha asiática, nunca mais seria, nem poderia ser, o rei somente de um povo, somente da longínqua Macedônia. Ainda que a porção mais poderosa de seu exército ainda fosse composta por macedônios, a consolidação desse grande território e novas conquistas demandavam mais contingentes e novas estratégias. Logo, mesmo se afastando de antigas tradições monárquicas macedônicas, e entrando em choque com o exército por diversas vezes, a realização do desejo de Alexandre por um vasto império passava, inevitavelmente, por esse distanciamento.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **Fontes**

ARRIANO. *Anabasis of Alexander*. Tradução de P. A. Brunt. Cambridge. MA. London. Harvard University Press. 1983.

DIODORO DA SICÍLIA. *Diodorus Siculus. Library of History*. Tradução de C. Bradford. Cambridge. MA. London. Harvard University Press. 1963.

JUSTINO. *Justin. Epitome of the Philippic history of Pompeius Trogus*. Tradução de J.C. Yardley. American Philological Association. 1994.

PLUTARCO. *Alexandre e César: as vidas comparadas dos maiores guerreiros da antiguidade*. São Paulo. Ediouro. 2004.

QUINTO CÚRCIO, *Curtius Rufus. History of Alexander*. Tradução de John C. Rolfe. Cambridge. MA. London. Harvard University Press. 1946.

### **Bibliografia**

BEVAN, Edwyn. *The House of Ptolomy: a history of Egypt under the Ptolomaic dynasty*. Chicago. Ares. 1985.

BRIANT, Pierre. *Alexandre, o Grande*. Porto Alegre. RS. L&PM. 2010.

BUGH, Glenn R. *The Cambridge Companion to the Hellenistic World*. Cambridge. Cambridge University Press. 2006.

CARNEY, Elizabeth. *Macedonians and Mutiny: Discipline and Indiscipline in the Army of Philip and Alexander*. *American Journal of Philology*, Vol. 91, N.1, pp. 19-44. The University of Chicago Press. 1996.

COLLINS, Andrew W. *The Royal Costume and Insignia of Alexander the Great*. *American Journal of Philology*, Vol. 133, N. 3, pp. 371-402. The Johns Hopkins University Press. 2012.

DROYSEN, Johann Gustav. *Alexandre, o Grande*. Rio de Janeiro. Contraponto Editora. 2010.

FREDRICKSMEYER, Ernst. *Alexander the Great and the Kingship of Asia*. In: BOSWORTH, Albert B., BAYNHAM, E. J. (org), *Alexander the Great in Fact and Fiction*. Oxford. Oxford University Press. pp. 136-166. 2000.

FOX, R. L. *Alexander The Great*. Penguin Books. 1973.

GREEN, Peter. *Alexander of Macedon, 356-323 B.C.: A historical Biography*. California. University of California Press. 1974.

- GREEN, Peter. *Alexandre, o Grande, e o Período Helenístico*. Rio de Janeiro. Objetiva. 2014.
- KING, Carol J. *Macedonian Kingship and Other Political Institutions*. In: ROISMAN, Joseph, WORTHINGTON, Ian (org), *A Companion to Ancient Macedon*. Blackwall Publishing ltd. pp. 372-391. 2010.
- LLOYD, J.G. *Alexandre the Great: Selections from Arrian*. Cambridge. Cambridge University Press. 1981.
- MANFREDI, Valerio Massimo. *La Tumba de Alejandro, el Enigma*. Debolsillo. 2012.
- MOSSÉ, Claude. *Alexandre, o Grande*. São Paulo. Estação Liberdade. 2004.
- MÜLLER, Sabine. *Philip II*. In: ROISMAN, Joseph, WORTHINGTON, Ian (org), *A Companion to Ancient Macedon*. Blackwall Publishing ltd. pp. 166-185. 2010.
- ROISMAN, Joseph. *Alexander's veterans and the early wars of the successors*. Austin. University of Texas Press. 2012.
- SAWADA, Noriko. *Social Customs and Institutions: Aspects of Macedonian Elite Society*. In: ROISMAN, Joseph. WORTHINGTON, Ian (org), *A Companion to Ancient Macedon*. Blackwall Publishing ltd. pp. 393-408. 2010.
- SEKUNDA, Nicholas Victor. *The Macedonian Army*. In: ROISMAN, Joseph. WORTHINGTON, Ian (org), *A Companion to Ancient Macedon*. Blackwall Publishing ltd. pp. 447-470. 2010.
- STROOTMAN, Rudolf. *The Hellenistic Royal Court. Court Culture, Ceremonial and Ideology in Greece, Egypt and the Near East 336-30 BCE*. Tese, PhD. Utrecht University. 2007.
- TARN, William. *The Greeks in Bactria and India*. Cambridge. Cambridge University Press. 1966.
- WALLBANK, F. W. *The Hellenistic World*. London. Fontana. 1981.



## DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Danilo Correa Bernardino, declaro que para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso “Alexandre Magno e o exército macedônico: Os motivos para a indisciplina do exército no ano de 324 a.C., após o anúncio da dispensa dos incapacitados.” Foi integralmente redigido por mim e que assinalei todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro, ainda, que o trabalho é inédito, nunca tendo sido apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em outro idioma ou formato.



Brasília, 7/12/2015